



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Líbera Bigarella Cavagnolli FG171

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.008.SIN e TRA

Entrevistado/a: Líbera Bigarella Cavagnolli

Entrevistador/a/es: Sônia Storchi Fries e Tânia Tonet

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 16 de junho de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Origem e história familiar.

Imigração italiana: motivos, chegada (em Santos), vinda e estabelecimento no sul do país (Serra Gaúcha).

Viagem de travessia: embarque, relato, convivência entre os imigrantes dentro do navio.

Chegada: alojamento e alimentação.

Primeiras atividades desenvolvidas pelos imigrantes.

"Il maestro Bigarella": vinda para o Brasil, a escolha para professor dos primeiros imigrantes, história de vida.

Transcrição:

Tânia: Qual o seu nome?

Líbera: Líbera Bigarella Cavagnolli.

Tânia: Qual a data do seu nascimento?

Líbera: Eu nasci em 1911, dia vinte e dois de setembro.

Tânia: 1911?

Líbera: [19]11.

Tânia: De onde veio sua família?

Líbera: Da minha mãe, veio de Veneza, ela era vizentina [veneziana], Veneza. E o meu pai de Treviso, não, a minha mãe, é a mesma coisa, Treviso... Um de Veneza, o outro de Treviso.

Tânia: E eles eram imigrantes, dona Líbera?

Líbera: Sim, a família da minha mãe veio toda a família pra cá, porque lá eles tinham pouca terra, tinha bastante filho. Então, eles vieram pra cá, toda a família da minha mãe. O meu pai, o meu avô era filho de mãe solteira, então ele era filho único. E eles vieram todos pra cá, ele não deixou ninguém lá. A mãe dele morreu moça, bem jovem.

Sônia: Morreu na Itália?

Líbera: Na Itália.

Sônia: E dona Líbera, assim, eles tinham pouca terra, a senhora falou, por isso que eles imigraram?

Líbera: É. Eles tinham pouca terra e bastante família. E o filho mais velho casou, o tio, e ele tinha um filho. Depois ele ganhou um nenê, então o meu avô disse: “Agora não dá mais pra ficar todos juntos, tu tem que sair, Nando. Tu tem que te procurar outro lugar, porque não dá mais pra ficar todos juntos”, então ele disse: “Mas eu não quero me separar de vocês”. Então, o meu avô disse: “Então, vamos toda a família para a América, vamos tentar lá”. Eles tinham pouca terra, né? Então, eles venderam tudo o que eles tinham pra poder fazer dinheiro pra vir. Eles venderam tudo e vieram pra cá sem nada, só com o destino de poder se colocar aqui. A minha mãe já tinha quase seis anos quando ela veio. Então, diz que embarcaram no navio, mas ninguém..., não teve despedida, não teve nada, porque eles não tinham ninguém. E quando entraram no navio todo mundo ficou triste, assim, tinham medo. Mas diz que todos os imigrantes que tinha lá eram todos gente boa, se davam. Diz que tinha alemão, mas o mais que tinha eram italianos. Toda gente boa, eles tinham padre, tinham médico e, diz que quando alguém ficava doente, era aquela reunião de reza e tudo. Minha mãe viu só dois que morreram, que botaram num saco e atiraram no mar. Só, ela disse, e diz que a viagem foi boa. Depois, quando estavam num certo ponto deu um temporal, então todos com medo, diz que todo o mundo chorava. Então, rezavam e chegaram aqui finalmente. Quando eles chegaram, diz que a alegria daquela gente, a mãe dizia que gritavam, gritavam. Dizia que eles diziam: “Agora estou com Deus, Deus estou nas tuas mãos, Deus me coloque”. Então... eles chegaram em Santos, ela disse. Então, lá não gostaram daquelas terras e tinha muitos alemães e italianos. Então, os italianos disseram: “Vamos atrás dos alemães, que os alemães sabem escolher terra”. E vieram com eles até aqui no [São Sebastião do] Caí, lá pra baixo, os alemães todos pararam lá. E eles, os italianos, vieram mais adiante. Ela chegou aqui em Caxias, diz que era o Campo dos Bugres, num barracão grande que tinha. Então, quando chegaram aqui, diz que todo mundo estava com fome, então a minha mãe dizia: “Eu quero comer”, e ela não conhecia batata-doce nem pinhão. Então, diz que tinha aquelas bacias de batata-doce, todo mundo comia batata-doce e pinhão, eles não conheciam, porque na Itália eles diziam que não tinha. E diz que, depois então, deram toda as ferramentas, semente e tudo, que era pra eles escolherem o lugar. E eles foram parar em São

Gioanni [São João] ali perto de Flores da Cunha. Toda a família do meu pai parou lá, da minha mãe, não do meu pai, da minha mãe, dos De Carli. E depois então, eles todos se colocaram, os meus tios, pra ganhar dinheiro, quando chegaram, começaram a caçar. Eles caçavam onça e vendiam a pele, e carne, muita gente comprava pra fazer sabão. E daí então, eles tinham dinheiro pra poder sobreviver, e todas as mulheres trabalhavam na roça, né? E eles vendiam as peles, essas coisas pra viver. E daí foram se colocando e em pouco tempo eles estavam bem. E meu pai..., agora da minha mãe eu não sei mais nada, ela contava isso, né?

Tânia: Mas está ótimo. Agora do seu pai.

Líbera: O meu pai saiu de lá com dezessete anos feitos já, quase dezoito. E, naquela época, quando tinha dezoito anos, tinha que servir no exército. E no exército, tinha que ficar quatro anos, então o meu avô disse: “*Benedeto, ti che gue só studiá, só studiá*, agora o que que tu vai fazer? Agora tu vai perder quatro anos do quartel, não dá! Tu tens que dar um jeito, meu filho, não quero que tu vai para o quartel. O que tu vai fazer? Tu sai do quartel já velho.”. Mas, ele não dizia quartel, *il soldato* ele dizia, “*Tu viên vía soldato*”. Então, o meu pai disse assim “Pai, eu também vou pra América”. “Mas tu é tão jovem, tão moço”, “Mas eu vou tentar, se não dá”, ele disse, “eu volto”. Então, o meu avô, ele não era muito rico, eles trabalhavam de negócios de tina, eles diziam, fazer aqueles corotes, aquelas coisas pras cantinas, para o vinho, né?. Então, ele disse, “Pois é, mas nós não temos dinheiro pra te pagar a viagem, a viagem é muito cara, como é que vamos fazer?”, ele disse, “Eu vou de segunda classe, terceira também”, ele disse, “onde que eles me aceitam, eu vou e trabalho, eu pago uma parte e uma parte eu trabalho pra eles me darem a passagem”. Então diz que ele veio assim. Mas diz que eles choraram tanto! E ele, então, veio. Quando ele disse que se viu fechado no navio, deixou toda... Ele veio sozinho, deixou toda a família dele lá. Então, quando ele estava no navio, ele se lembrava: “O que eu vou achar lá agora, quando eu chego?”. E disse que quando eles chegaram aqui, todo o mundo tratou muito bem, ele no navio e tudo. E quando ele chegou aqui, então, diz que ele tinha medo de desembarcar que nossa! Então, ele olhou assim e viu todos os italianos que falavam e que gritavam: “*Un n’altro* navio de gente, *un n’altro* navio” [outro navio de gente, outro navio]. Todos receberam bem, bem. Então, um disse assim: “*E ti, ndove tu pupà, ndove la tua mamà?*” [e tu, onde está teu pai, onde está a tua mãe?]. Eu falei italiano. Então, ele disse: “Eu não tenho pai, nem mãe, deixei tudo na Itália”. “*È, fiol caro*, o que tu vai fazer? Tu sabe ler e escrever?”, “Sim”, ele disse, “eu só estudei”, “Então, tu vai ser o professor de nossos filhos”. “Sim, sim”, diz ele. Ele começou a lecionar logo que ele chegou no Brasil, ele começou a lecionar e sempre lecionou. Conheciam ele [por] “*il maestro, il maestro* Bigarella!”. Todo mundo conhecia, ele sempre lecionou. E, depois então, ele conheceu a minha mãe lá em São João, também, que a

minha mãe parou lá, ele foi para lá e casou. E ele tinha bastante filho, então não ganhava muito, só com...

Sônia: Dando aula?

Líbera: Dando aula. Então, depois ele veio a Nova Pádua. Lá ele ficou escrivão e agente do correio. Daí ele se fez. Daí ele estava bem, se fez bem e tudo e continuou assim toda a família. Ele teve treze filhos, nove mulheres e quatro homens. E somos ainda em três vivos, o resto morreu todos.

Transcrição em: Dezembro de 1996.

Por: Sônia: Storch Fries.

Revisão em: 28 de outubro de 2010, 19 de dezembro de 2024 e 11 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia: Storch Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 08 minutos.

Observação: